

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Disciplina: HS967A - Teorias Antropológicas I (*Teoria Antropológica Clássica*)

Professor responsável: Omar Ribeiro Thomaz

Período e horário: 1º semestre de 2025 – Sextas-feiras – 14:00h – 18:00h

Local: Sala de Projeção – Prédio da Pós-Graduação

Proposta de curso

O propósito da disciplina não é panorâmico nem exaustivo. Optamos por abrir mão de elencar escolas e genealogias, mas antes enfrentar alguns autores e textos, definidos como “clássicos” da disciplina, tendo como foco central não apenas temas e questões transversais que, de certa forma, nos perseguem até os dias atuais, mas antes colocá-los em diálogo com outros textos e autores historicamente excluídos, situados, ignorados ou, por vezes, adjetivados e portanto expulsos do “panteão”.

Escolas e genealogias não serão ponto de partida para uma *história da disciplina* (esforço sistemático que está longe dos propósitos deste curso), mas sim um dos focos possíveis de um debate que se impõe ao próprio fazer antropológico contemporâneo. Inicialmente, e como forma de introdução, optamos por discutir a própria noção de clássico. O que faz com que, até recentemente, houvesse um certo consenso quanto aos clássicos da disciplina? Por que mais ou menos definimos a própria identidade de um antropólogo como aquele profissional que, entre outras coisas, deve ter intimidade com leituras que vão de Frazer a Lévis-Strauss, passando por Malinowski, Radcliffe-Brown, Evans-Pritchard e Leach, responsáveis por consolidar campos de pesquisa tais como organização social, política e parentesco; religião, magia e feitiçaria; cultura material e trocas, e sempre às voltas a assunção ou a crítica de conceitos como cultura, sociedade, simbolismo, relações sociais, e tantos outros?

De um lado estamos preocupados menos com a gênese desta agenda, arcabouço conceitual ou crítico, e mais com seu vigor contemporâneo; de outro, com a forma como estes mesmos conceitos (os estes mesmos clássicos), são repensados, criticados ou mesmo questionados de maneira radical por *outros clássicos, outras tradições, outras genealogias*, deliberadamente silenciados, excluídos ou ignorados pelos até recentemente defensores, vigilantes ou autoproclamados herdeiros de um *campo disciplinar*.

Estamos num momento em que verdadeiras placas tectônicas se movem nas ciências em geral, e na antropologia em particular; o reconhecimento, ainda que limitado, de produtores de conhecimento e de saberes que ficaram à margem das tradições acadêmicas consolidadas, foram excluídos ou deliberadamente vampirizados pelo mundo da academia ou do mercado (à academia associado), veio para bagunçar supostos e posições considerados por alguns inquestionáveis. Concomitantemente, estes mesmos supostos muitas vezes disfarçavam ou escondiam mecanismos deploráveis de produção e reprodução de desigualdades, formas de exploração ou exclusão que traduziam um mundo do qual afirmavam se distanciar – o colonial, o racista, o machista, o homófobo...

Movimentos técnicos têm como resultado geralmente escombros. Preferimos encará-los como movimentos dos quais emergem novos continentes, mais igualitários, mais justos, mais diversos, sobretudo tendo em vista de que vivemos, sim, no escombros, mas aquele produzido com o suporte, a indiferença ou um vigor crítico não suficientemente crítico para evitá-lo.

É certo que muitos autores fundamentais, como Margareth Mead, Ruth Benedict, Sidney Mintz, Gregory Bateson, ou Edmund Leach não foram contemplados neste curso, que não tem a pretensão de ser herético. Pensamos nos dissentes como pesquisadores, que têm uma excelente biblioteca a sua disposição e podem usufruir da liberdade de leitura destes e de tantos outros autores. Nossa proposta é pensar, com eles, sobre os textos e os autores que propomos nesta disciplina de *Antropologia clássica*.

Dinâmica

O curso é presencial e a frequência é obrigatória, assim como as leituras (as quais podem ser negociadas a cada aula). Menos por afã disciplinador (que me horroriza) e mais pela proposta subjacente a estes nossos encontros de sexta-feira que a de levar adiante um bom debate e a de favorecer à formação de um verdadeiro grupo de pesquisadores, cujos membros se escutem mutuamente – o professor, na posição de privilégio conquistado, é também um pesquisador. Para os alunos regularmente matriculados, as faltas serão toleradas no limite do que diz o nosso regimento, salvo em contextos excepcionais. Assim, procura-se evitar o aluno turista (o que vem a passeio), ou o aluno cliente (que encara a disciplina como um supermercado, que olha para a ementa como se fosse composto de prateleiras com produtos a serem escolhidos seguindo as regras de mercado). Os alunos ouvintes são bem-vindos, as portas estão abertas, pois numa universidade pública estamos.

Avaliação

A participação dos alunos será parte da avaliação a partir de leitores privilegiados definidos para cada grupo de textos sugeridos. No final, o aluno deverá apresentar um trabalho de curso que apresente uma releitura ou um debate dos textos lidos ao longo do curso com seu próprio projeto de pesquisa.

Cronograma e bibliografia

1ª aula – 07/03 – Apresentação do curso

Apresentação do curso, discussão sobre o programa, apresentação do projeto de pesquisa de cada um, e debate sobre a dinâmica do semestre. Definição dos termos da avaliação

I – Exu: os clássicos e a antropologia na encruzilhada

2ª aula – 14/03 – O que é um clássico? [I]

Borges, Jorge Luis. 1989 [1952]: “Sobre los clásicos.” In: *Obras Completas II*. Buenos Aires: Emece Editores, pp. 150-151.

Calvino, Ítalo. 1993 [1991]: “Por que ler os clássicos?”. In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 9-14.

Eliot, T. S. 1957. “What is a classic?”. In: *On poetry and poets*. London: Faber & Faber. pp.. 53-71.

3ª aula – 21/03 – O que é um clássico? [II]

Said, Edward. 1995 [1993]. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras: pp. 33-50; 245-348.

Said, Edward. 2005 [1994]. “Manter nações e tradições à distância”. In *Representações do intelectual. As conferências de Reith*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 37-54.

_____. 2005 [1994]. “Exílio intelectual: expatriados e marginais”. In *Representações do intelectual. As conferências de Reith*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 55-70.

4ª aula – 28/03 – Os clássicos and the wrong language

Chinua, Achebe. 2012 [1989]. “Política e políticos da língua na literatura africana”. In *A educação de uma criança sobre protetorado britânico. Ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 100-110.

Da Col, Giovanni (et. alt). 2017. “Why do we read the classics?”. In *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, (7) 3.

De Swaan, Abram. 2002. *Words of the World*. Cambridge: Polity Press.

II – Fundações: entre os silenciados (esquecidos ou ignorados) e os celebrados

5ª aula – 04/04 – O Haiti e a fundação da antropologia moderna: a obra de Anténor Firmin

Charles, Asselin. 2014. “Anténor Firmin et le concept de l'égalité des nations”. In: Hector, Cary (sous la direction de). *L'Actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, pp. 57-52. [Bibliografia sugerida para aqueles que se sintam confortáveis na leitura do francês].

Collot, Gélina. 2014. “Firmin et nous em 2011/2012”. In: Hector, Cary (sous la direction de). *L'Actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, pp. 343-360. [Bibliografia sugerida para aqueles que se sintam confortáveis na leitura do francês].

Denis, Watson. 2014. “De l'Égalité des races humaines d'Anténor Firmin: un traité d'anthropologie contemporaine”. In: Hector, Cary (sous la direction de). *L'Actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, pp. 73-90. [Bibliografia sugerida para aqueles que se sintam confortáveis na leitura do francês].

Firmin, Anténor. 1885. *De l'égalité des races humaines (Anthropologie positive)*. Paris: Librairie Cotillon [Há tradução para o castelhano e para o inglês].

Fluehr-Lobban, Carolyn. 2005. “Anténor Firmin and Haiti's contribution to anthropology”. In: *Gradhiva au musée du quai Branly. Revue d'anthropologie e de museologie*. Paris: pp. 95-108.

[6ª aula – 11/04 – Os saberes de Exu e das Pombas-Gira: os clássicos na encruzilhada]
Convidado: Professor Doutor Humberto Manoel de Santa Jr. (CEFET – Rio de Janeiro)

(18/04 – Sexta-feira Santa)

7ª aula – 25/04 – Mito de fundação: Bronislaw Malinowski

Durham, Eunice. 2004 [1986]. “Malinowski: uma nova visão da antropologia”. In: Durham, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura. Ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, pp. 203-218.

Magnani, José Guilherme Cantor. “A reencarnação dos *Baloma de Kiriwina* nas atuais pesquisas”. In Cardoso, Ruth (org.).

Malinowski, Bronislaw. 1935. *Coral gardens and their magic*. Londres: Allen and Unwin [Há tradução para o castelhano].

Malinowski, B. 2018 [1922]. “Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu.

(02/05 – Ponte do feriado do Dia do Trabalhador)

8ª aula – 09/05 – Controvérsia: o irmão da mãe na África do Sul

Junod, Henri. 1898. *Les Ba-Ronga: étude ethnographique sur les indigènes de la Baie de Delagoa*. Neuchâtel: Impr. Attinger Frères. [Bibliografia sugerida para aqueles que se sintam confortáveis na leitura do francês].

Junod, Henri. 1996 [1912 e 1913]. *Usos e costumes dos Bantu. 2 vols*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

Radcliffe-Brown, A. R. 1973 [1952]. “O irmão da mãe na África do Sul”. In *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, pp. 27-45.

Radcliffe-Brown, A. R. 1973 [1952]. “Os parentescos por brincadeira”. In *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, pp. 115-132.

Webster, David. 2009. *A Sociedade Chope. Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique (1969-1976)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

9ª aula – 16/05 – Às voltas com a pesquisa de campo

Condominas, George. 1991 [1965]. *Lo exótico es cotidiano*. Barcelona: Júcar [a versão original é em francês e não há edição em português ou inglês], parte I [Capítulos 1 ao 11], parte II (Capítulos 12, 13, 18).

Lévi-Strauss, Claude. 1955. *Tristes tropiques*. Paris: Plon [há tradução para o português], Partes I, II e III, e capítulo 28.

III - “Anthropology begins at home”

10ª aula – 23/05 - Camponeses haitianos, os Gikuyu, o colonialismo e Malinowski

Comhaire-Sylvain, Suzanne. 1938. *Loisirs et divertissements dans la région de Kenscoff, Haïti*. Bruxelas: Travaux Publics. [Bibliografia sugerida para aqueles que se sintam confortáveis na leitura do francês].

Kenyatta, Jomo. 1953 [1938]. *Facing Mount Kenya. The Tribal Life of the Gikuyu*. Londres: Secker and Warburg.

11ª aula – 30/05 – Heterodoxias

Glukman, Max. 1987 [1940]. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”. In. Feldman-Bianco, Bela (org.). *Antropologia das sociedades cotemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, pp. 227-344.

Bank, Andrew. 2016. *Pioneers of the Field. South Africa’s Women Anthropologists*. Cambridge: Cambridge University Press.

12ª aula – 06/06 – Informantes, interlocutores, amigos

Casagrande, Joseph H. (Ed). 1960. *In the Company of Man. Twenty Portraits of Anthropological Informants*. Nova York: Harper Torchbooks.

Rabinow, Paul. 1977. *Reflexions on Fieldwork in Morocco*. Berkeley: University of California Press.

Shumaker, Lyn. 2001. *Africanizing Anthropology. Fieldwork, networks, and the making of cultural knowledge in Central Africa*. Durham & London: Duke University Press.

IV – Leituras e releituras

13ª aula – 13/06 – Os Nuer “clássicos” e os Nuer de hoje

Evans-Pritchard, E. E. 1978 [1940]. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva.

Hutchinson, Sharon E. 1996. *Nuer Dilemmas. Coping with Money, War, and the State*. Berkeley: University of California Press.

(20/06 – Ponte de Corpus Christi)

14ª aula – 27/06 – Estranhos, estrangeiros, outsiders

Carneiro da Cunha, Manuela. 2012 [1987]. *Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 131-246.

Elias, Norbert. 2001 [1990]. “Notas sobre os judeus”. In *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 134-143.

Geshiere, Peter. 2009. *The Perils of Belonging. Autochthony, Citizenship, and Exclusion in Africa & Europe*. Chicago: The University of Chicago Press.

Kuper, Jessica. 1979. "Goan" and "Asian" in Uganda: An Analysis of Racial Identity and Cultural Categories. In Shack, Willian & Skinner, Elliot (Ed.). *Strangers in African Societies*. Berkeley: University of California Press, pp. 243-260.

Simmel, Georg. 1950 [1908]. "The stranger". In K. H. Wolf (orgs.). *The sociology of Georg Simmel*. Nova York: The Free Press, pp. 402-408.

Wilson, Monica. 1979. "Stranfers in Africa: Rflexions on Nyakyusa, Nguni ans Sotho Evidence". In Shack, Willian & Skinner, Ellit (Ed.). *Strangers in African Societies*. Berkeley: University of California Press, pp. 51-66.

V – ... a existência e a resistência dos clássicos

15ª aula – 04/07 – Por que ler Amílcar?

Cabral, Amílcar. 1979. *Análise de alguns tipos de resistência*. Bolama: Imprensa Nacional.

De Kom, Anton. 1977 [1970]. *Nosotros, los esclavos del Suriname*. La Havana: Casa de Las Américas.

A
o
r

l
i
n
k
s

o
p
e
n

o
v
e
r
l
a
y

p
a
n
e
l